

Sobre as últimas publicações em Portugal...

Jacinto Anica

João Melo

*Imitação de Sartre
& Simone de Beauvoir*

contos/2ª edição/112 páginas

Angola

ed. Caminho / colecção Uma Terra sem Amos
1999

Estórias de uma Angola urbana, onde gente comum vive os seus encontros e desencontros, num clima marcado pela dimensão dramática das relações humanas.

Tendo como referência um discurso de renovação ética, social e literária, o autor centra-se no ataque ao machismo angolano enquanto instituição ideológica e prática relacional.

Com uma fina ironia, destilada num ritmo tendencialmente cinematográfico, estrutura peripécias num ambiente tenso e quente, evidenciando uma crueza linguística e situacional que nos permite pensar compreender o estranho «jogo» em que as personagens se enredam.

Contudo, essa possibilidade de eficácia interpretativa num primeiro tempo é enganadora, pois trata-se de um nível simbólico-alegórico que esconde a análise à contradição de um sujeito pretensamente moderno, desalienado ideológica e filosoficamente, pseudocrente no materialismo dialéctico e histórico, com os feitiços no bolso.

Este livro, composto por dez contos, é uma sociocrítica onde se compreende o feminino pela acusação ao masculino, onde Dostoiévsky, Existencialistas, Hollywood, Bataille, se passem debaixo de um sol tropical na certeza de que, se são referências para a compreensão destas personagens, nunca poderão honestamente pertencer a estas estórias.

Tendo as relações emocionais, afectivas, sexuais, por mote, estes contos entretecem uma teia de significações que tenta funcionar como uma certa propedêutica de modo a modificar



mentalidades e dogmas cristalizados provenientes de uma tradição ancestral.

Num cenário de oportunismos, favores, explorações, conflitos, uma irónica preocupação pelo humano e sua íntima dimensão trágica.

Albertino Bragança

Rosa do Riboque e outros contos

Contos/2ª edição/104 páginas

São-Tomé e Príncipe

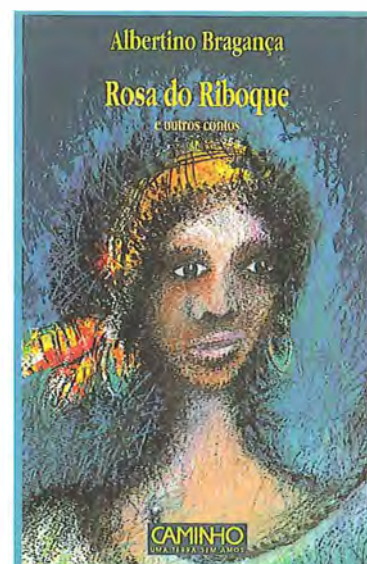
ed. Caminho/col. Uma Terra sem Amos

1997

Monólogo cultural sobre uma pátria ocupada, encruzilhada de um povo que vive ainda o seu passado, visão Fanoniana de um universo de personagens que não se deixam ocupar apesar de viverem num espaço violento e desigual.

Num estilo ágil, denotando economia novelística, o autor revela a essencial preocupação pelo humano, um modo quase neo-romântico de perspectivar os homens e mulheres que bem podem ter povoado a sua meninice.

Reconstruindo esses lugares com grande invenção poética, afectuosamente nos mostra os casebres modestos, os bairros pobres de seres que pisavam uma terra que não podiam chamar de sua, seres colonizados que nasciam e morriam de qualquer maneira e em qualquer parte.



Com um colorido próprio retrata-se a ancestral sabedoria africana, convoca-se as fábulas e as crenças, repete-se o linguajar, construindo de base uma pátria que se renova, tentando consciencializar o homem novo que se pretende.

E a personagem que está na origem do título do livro é a prova acabada desse propósito.

Rosa nunca se deixa derrotar ou abater. Simples e pura, dá-se de coração aberto aos outros, rebelde e decidida, sonhando sempre com um amanhã diferente.

Esculpindo a típica paisagem do quotidiano são-tomense, o autor, como artista que é, evidencia a sua emoção, ao mesmo tempo sentimental e estética, enquanto presta homenagem aos nomes esquecidos de um tempo agreste, mas, para ele, inesquecível.

Quatro contos a ler com atenção, sobretudo porque feitos com o respeito e o amor de quem canta a sua terra, a sua realidade, o seu povo.

Eduardo White

Janela para o Oriente

Moçambique

prosa poética/78 páginas

ed. Caminho/col. caminho da poesia

1999

De uma poeticidade que se vê cada vez menos, este livro é a agradável descoberta de um autor Moçambicano que observa intensamente o mundo.

Permanentemente sonhando paisagens da distância, permanentemente se exila de si, buscando nessa inquietude a variedade e o exotismo que lhe permitam um ascetismo ancestral, aquele ascetismo que todo o homem perdeu devido ao bulfício citadino.

O parapeito da janela por onde olha é o parapeito do sonho, incensando os destinos imaginados como portos de abrigo de uma alma que não se aquieta.

Só o olhar lhe é interessante, só o seu corpo permanece, pensamento viajante que lhe permite esquecer uma solidão demasiadamente humana e sentida.

O Oriente de que fala é afinal uma ambição, um exercício mágico, um descanso de si próprio.

Sentindo como quem olha, olhando desaperadamente para sentir algo mais, o sujeito poético percorre um universo de referências,

tentando abarcar num largo amplexo todos os países que não viu, todas as gentes que não conhece, num espiritualismo divino.

Invenção inacabada, mortal e imperfeita, o ser humano necessita de algum tipo de ilusão, alguma espécie de fé, pois só sentindo de algum modo o mistério pode o homem suportar uma realidade cada vez mais repetitiva, apática, desprovida de sentimentos.

Só sentindo, nem que seja por breves instantes ao olhar por uma janela, o lumiante movimento do inefável, pode o homem confortar-se, esquecendo o constante torpor da existência.

Uma prosa poética ao mesmo tempo frágil, porque bela, e forte, porque demasiadamente desassombrada.

Luís Cardoso

*Crónica de uma Travessia –
A época do Ai-Dik-Funam*

romance/154 páginas

Timor

Publicações Dom Quixote/col. autores de

Língua Portuguesa

1997

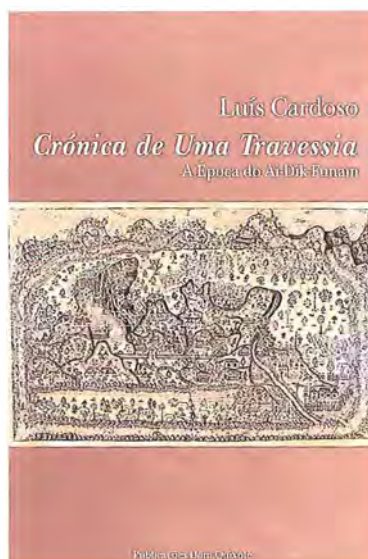
A travessia de um homem, resgate da memória – sua e do seu povo – entre o encantamento e a ira, entre o sonho e a vida.

Luís Cardoso, num registo memorialista, relata o percurso de um povo em busca do seu passado, num estilo marcado por um certo realismo mágico.

Nunca se deixando vencer por um regime opressor, o povo timorense ocupa hoje um importante espaço na atenção mundial, demonstrando tenacidade e crença num futuro melhor, futuro esse que pode ser bem mais risonho face à conjuntura presente.

Como tal, este livro é sintomático de um processo evolutivo deste percurso de mais de





duas décadas, hoje o papel deste autor revela-se tão preponderante como o silvo de uma bala escutado em Timor.

Face a uma cultura oralizante, onde o passado é um tempo frágil, e o presente é simplesmente a sobrevivência, este exercício de fixação de memória é a renovação de uma cultura e de um modo de vida.

Caminhando por um espaço interposto entre a realidade e o imaginário, busca a Terra Prometida que o marcou como o início de todos os sonhos.

E esta é a terra mística de um povo de curandeiros e lendas, a terra católica dos missionários portugueses, a terra sangrenta de guerrilhas, a terra refundada na mestiçagem, a terra livre cravada no coração do Índico.

Permanentemente habitado por Timor, o autor fala de um tempo seu, de uma paisagem sua, de um povo a que pertence, com uma linguagem igualmente habitada pelos acontecimentos de uma vida feita em Portugal com os olhos fixos no mar, das descobertas e das travesias.

É como se todo o tempo lhe pertencesse, permitindo-lhe assim construir o roteiro de uma peregrinação espiritual, resgatando a pureza da infância, sobrepondo-se assim a um tempo actual de ira e de errância, de inquietude e de refrega.

Nelson Saúte

O Apóstolo da Desgraça

contos/118 páginas

Moçambique

Publicações Dom Quixote/col. autores

de Língua Portuguesa

1999

Com este livro de pouco mais de cem páginas, Nelson Saúte revela-se como um dos mais curiosos escritores que Moçambique produziu.

Num estilo curto, simples, genuíno, original, proporciona-nos o retrato falado de um povo, nas suas alegrias, nas suas tragédias, nas suas idiossincrasias.

Tendo como referente a classe social baixa, pouco letrada, este livro reporta-nos a um Moçambique real, do pós-guerra(s), da sobrevivência, da desigualdade, da pobreza.

Impressivo, em duas pinceladas cria uma trama e seus protagonistas, numa redacção marcadamente pessoal, onde o tom e a forma são o reflexo das gentes que retrata.

Entre curandeiros e superstições, entre traumas e famintos, o autor revela a dimensão humana do seu povo.

Sem intelectualismos bacocos, este homem que pensa e sente a sua pátria, relata as cruezas e as querelas de um país ainda em transe, onde o povo sofre os atropelos das classes dominan-

tes, chamem-se elas colonizadores ou camara-das, um povo arreigado ao pitoresco e ao autóctone, um povo possuidor de um rico imaginário, mas que, contudo, se viu confrontado com realidades demasiadamente redutoras, um povo desiludido.

O apóstolo da desgraça de que o autor nos fala não é o pobre Zefania pai de filhos, o verdadeiro apóstolo é a personificação daqueles que tudo prometeram e prometem a um povo carente e sofrido, mas tudo lhe tiraram e lhe tiram.

Uma vintena de pequenas «estórias», uma vintena de vidas, onde a contradição do humano está sempre presente, lembrando-nos que este Moçambique moderno é talvez demasiadamente antigo, nas suas manias, nos seus tiques, nas suas incongruências, mas que continua a ser um espaço efabulatório de eleição.

Ruy Duarte de Carvalho

Vou lá visitar Pastores

texto epistolar/370 páginas

Angola

edições Cotovia

1999

Quando distraidamente folheamos este livro, julgamos estar perante um aturado trabalho de etnologia, em que o objecto de estudo é um grupo social do sudoeste angolano que se dedica à pastorícia. Contudo...

Contudo, só distraidamente se pode ter esta redutora opinião, pois o trabalho deste antropólogo que também é poeta, é a aventura pessoal de uma vida.

Tendo como pano de fundo um fim de milénio globalizante, onde o tempo é medido digitalmente, e onde o espaço é cada vez mais virtual, Ruy Duarte de Carvalho resolve apresentar uma sociedade de costumes ancestrais, onde o



espaço é maior do que a vista, e o tempo é o da natureza.

Neste livro conhecemos os costumes, os termos, as tradições, de um grupo social que persiste na Angola de hoje, vivendo da pastorícia, sobrevivendo numa era que lhe é hostil, convivendo com filosofias de vida e maneiras de agir bem diversas.

E isto é um relato antropológico, etnológico, um trabalho de estudo no âmbito das ciências humanas.

Mas neste livro, elemento de fixação de uma tradição oral, observamos a constatação empírica de um homem que procura entender esta estratégia de vivência e integração, um autor que assim é a voz dos homens e mulheres da sociedade Kuvale, de modo a, de forma exemplar, sensivelmente demonstrar que nesta era massificante e impessoal ainda o homem pode ser um elemento da natureza no seu estado puro.

De facto, Ruy Duarte de Carvalho foi visitar os pastores, mas não como quem se vai despedir de um condenado, ele foi nessa visita com o intuito de compreender um *modus vivendi* profundamente enraizado na Angola que hoje poucos reconhecem ou sequer querem pertencer.

O livro de uma vida, de várias vidas, memória epistolar de uma terra.